

Análise sociolinguística do R em coda silábica externa: confrontando vozes masculinas e femininas na música popular brasileira

Karilene da Silva Xavier (UFRJ)*

Resumo

Este trabalho focaliza o processo de variação dos róticos, em coda silábica final, no decorrer das quatro primeiras décadas do século XX (de 1902 a 1940). Seu objetivo principal é confrontar o comportamento linguístico de homens e mulheres no que se refere à pronúncia do rótico, a fim de checar a tese de que nos processos de mudança sonora, as mulheres estão, em geral, uma geração à frente dos homens. Apesar de haver inúmeros estudos sobre o tema, a proposta deste trabalho é inovadora, uma vez que a amostra é constituída de gravações musicais. Esta pesquisa, que tem como respaldo o aparato da Sociolinguística Quantitativa Laboviana, pretende sistematizar a pluralidade de realizações do segmento em questão, a depender do sexo dos intérpretes. A partir de uma observação ainda assistemática da amostra, obtiveram-se alguns resultados preliminares a partir de 1710 dados: 1) a vibrante ápico-alveolar múltipla, considerada a norma de pronúncia prescrita, ocorreu em percentual relativamente baixo e encontra-se concentrada no canto de homens; 2) a vibrante ápico-alveolar simples é uma pronúncia muito utilizada pelos intérpretes em geral, parecendo ser a norma de uso; 3) não foi verificada ainda a vibrante uvular; 4) por outro lado, a realização do rótico como fricativa [+post] já aparece timidamente; e 5) o apagamento do segmento em questão ocorreu em percentual um pouco maior na fala cantada das mulheres.

1. Introdução

O presente artigo orienta-se para o estudo do processo de variação dos róticos, em posição de coda silábica final (cantar, mulher). Apesar de haver inúmeros estudos relacionados ao fenômeno em questão no Português do Brasil (Callou, 1987; Callou *et alii*, 1998, 2002; Abaurre & Sandalo, 2003; Hora & Monaretto, 2003; Monaretto, 2010; Callou & Serra, 2012; Serra & Callou, 2013, entre outros), a proposta deste trabalho é inovadora, uma vez que a amostra é constituída de canções¹ gravadas por dezesseis intérpretes masculinos e femininos entre os anos de 1902 e 1940. Essas gravações recobrem as primeiras quatro décadas da tradição da música erudita e popular, momento em que a atividade musical inicia seu processo de expansão e popularização no Rio de Janeiro, com a primeira gravação musical para um disco brasileiro, no ano de 1902. Além disso, elas possuem um enorme valor histórico, pois são registros no tempo. Constituem, ainda, fonte importante de pesquisa sobre o comportamento linguístico de indivíduos, numa época em que o registro de voz praticamente se restringia às gravações de música. Vale comentar que já foram feitas

* Mestranda orientada pela professora doutora Carolina Ribeiro Serra e é bolsista CAPES.

¹ As canções utilizadas encontram-se disponibilizadas pelo Instituto Moreira Salles na seguinte página: <http://acervo.ims.uol.com.br/>.

algumas observações sobre a pronúncia dos róticos na fala cantada, nenhuma delas, porém, sistemática com base em uma quantidade considerável de dados e com o aporte teórico, instrumental e estatístico de que dispomos atualmente.

Havia, no início do século XX, uma grande preocupação com a pronúncia na música. Até que, na década de 30, houve um congresso com intuito de reformular as normas de pronúncia do canto erudito da época e, assim, adotar um padrão para a língua falada do povo. No que se diz respeito à realização dos róticos nesse contexto silábico na música, de acordo com o que se lê na literatura, havia uma predominância de realização da vibrante múltipla anterior, que era considerada a forma padrão para a linguagem dos meios de comunicação. Em outras palavras, era considerada a variante de prestígio, que deveria ser difundida pelos intérpretes da música erudita brasileira, como relatam os Anais do Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada.

Apesar da pressão pela pronúncia considerada padrão, havia também realizações do rótico em que o intérprete se distanciava da forma padronizada, realizando fricativas ou suprimindo totalmente o segmento. Desta forma, recuando no tempo, pretendemos capturar a atuação da regra de posteriorização aliada à passagem de vibrante a fricativa, passando progressivamente a zero fonético. Vale ressaltar, ainda, que mesmo que a fala cantada não represente um reflexo direto da fala espontânea, ainda mais em tempos em que a música gozava de tanta importância social e política, devido ao seu caráter inovador de difusão, acredita-se que será possível intuir tendências de pronúncia dos róticos, principalmente, as consideradas de prestígio nesse meio de comunicação.

Com relação às gravações dessa época, de acordo com Severiano & Mello (1997), a produção musical foi predominantemente masculina. Com isso, ao recuarmos no tempo, os dados de intérpretes femininas tornam-se raros, devido à sociedade machista de então. Em outras palavras, nos primeiros anos da discografia brasileira, há um panorama um pouco diverso em relação às intérpretes femininas da era mecânica. Outro estudioso (Cardoso Filho, 2007: 2) relata que “[m]uitos trabalhos sobre o assunto afirmam que a ausência feminina ocorria, entre fatores de cunho sociocultural, devido às condições técnicas das gravações mecânicas”.

Esta pesquisa faz parte de um trabalho mais amplo desenvolvido no curso de mestrado intitulado “A(s) pronúncia(s) do R final em canções do início do século XX (1902-1960)” em que a atuação de fatores linguísticos, sociais e prosódicos no processo de variação/ mudança do rótico é investigada. Desse modo, o objetivo principal deste artigo é investigar uma variável independente com mais detalhe, confrontando o comportamento linguístico de homens/cantores e mulheres/cantoras no que se refere à pronúncia do rótico, mesmo que não haja um número de canções equivalentes gravadas por homens e por mulheres. Assim, pretende-se checar a tese de que nos processos de mudança sonora, as mulheres estão, em geral, uma geração à frente dos homens (Gauchat, 1905; Labov, 2001).

Portanto, a seguir, serão apresentados os objetivos mais específicos, seguidos do quadro teórico-metodológico que orientou a presente pesquisa, com as hipóteses que foram levantadas com base em resultados de trabalhos anteriores e com as etapas metodológicas. Em seguida, encontram-se os resultados e a discussão e, na última seção, há as considerações finais com uma síntese dos resultados que confirmaram ou refutaram as hipóteses aqui levantadas.

2. Objetivos

O objetivo mais geral deste artigo é contribuir para a análise do comportamento dos róticos, em contexto de coda silábica final, em quatro décadas da tradição musical do século XX (erudita e popular), intuindo mais evidências sobre a língua falada dessa época. Os objetivos específicos a serem alcançados aqui são seguintes:

- a) capturar o processo gradual de diferenciação do segmento em questão, a fim de verificar a atuação da regra de posteriorização aliada à passagem de vibrante a fricativa, e, progressivamente, a zero fonético, $r >_R > x > h > \emptyset$;
- b) verificar se os resultados aqui encontrados sobre as pronúncias realizadas pelos intérpretes correspondem ou não ao que recomendavam os Anais de língua cantada sobre a(s) pronúncia(s) do segmento;
- c) sistematizar as ocorrências no decorrer das quatro décadas da sequência temporal aqui estudada - entre 1902 e 1940;
- d) controlar a atuação do grupo de fator extralinguístico gênero/ sexo do intérprete nas ocorrências do rótico.

3. Aparato teórico-metodológico

A análise e a interpretação dos dados serão realizadas à luz dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH *et alii* (2006 [1968])) sob orientação laboviana (LABOV, 1972/ 1994). Esse aparato teórico-metodológico visa aliar a observação do comportamento estrutural da língua aos aspectos sociais que interferem na variação/ mudança linguística, ou seja, busca a realização real da fala caracterizada por sua heterogeneidade inerente. Com isso, para essa perspectiva, a variação não ocorre de forma aleatória, pois é condicionada por regras estruturais e sociais e, dessa forma, é explicada pela relação sistemática dessas regras.

Esse aparato será usado para formalizar a pluralidade de realizações do rótico em posição de coda externa, pois, neste *corpus*, além da forma padrão para a linguagem dos meios de comunicação da época, há outras variantes que dividem espaço com ela. Apesar de ter havido um controle normativo, e também político, que tentava impedir que as variantes inovadoras se difundissem, a vibrante múltipla anterior esteve em desvantagem nessa concorrência como revelam os resultados de XAVIER (2013) que analisou as pronúncias do rótico entre 1902 e 1940.

Desse modo, depois do período de variação, pode ocorrer, de fato, a mudança

linguística quando uma das variantes passa a ser a forma efetiva, sobrepujando as outras. Em outras palavras, é necessário que as variáveis sejam generalizadas a ponto de provocar modificações no sistema linguístico. Ou pode ocorrer uma mudança estável, ou seja, quando o quadro de variação tende a se manter por um longo período, já que não se verifica uma tendência de predominância de uma variante linguística sobre a(s) outra(s). Com isso, a partir dos dados obtidos da amostra, será observado se alguma variante inovadora, de fato, substituiu a variante de prestígio no decorrer das décadas.

Por fim, no que diz respeito à variável social gênero/sexo, as mulheres tendem a levar adiante a variante inovadora, se esta não é estigmatizada, ao passo que os homens tendem ao uso da variante estigmatizada (Labov, 1972). No meio musical da época aqui analisada, as variantes que são inovadoras, como as fricativas e o cancelamento do rótico, são estigmatizadas pelas normas do canto erudito. Dessa forma, será interessante averiguar essas pronúncias a depender do estilo musical gravado por homens e mulheres

4. Hipóteses

As hipóteses que orientam esta pesquisa são as seguintes:

- a) O gênero/ sexo desempenha um papel relevante no processo de variação/ mudança do rótico;
- b) Na voz masculina, há uma tendência ao uso das variantes estigmatizadas;
- c) Na voz feminina, não há uma tendência às variantes inovadoras, já que estas são estigmatizadas.

5. Metodologia

A recolha dos dados compreende cinco etapas metodológicas principais:

- 1) obter do acervo as canções gravadas entre 1902 e 1940;
- 2) transcrever foneticamente as ocorrências do rótico em contexto de coda silábica final;
- 3) codificar os dados, levando em conta a década de gravação e o gênero/ sexo dos intérpretes; e
- 4) analisar os dados, segundo o modelo da sociolinguística quantitativa laboviana, a fim de verificar o possível condicionamento de fatores sociais na regra de posteriorização da pronúncia do rótico e/ou de mudança de modo de articulação (de vibrante anterior à fricativa posterior) e no processo de cancelamento do segmento em questão, no decorrer das cinco décadas, com o auxílio do pacote de programas GoldVarb 2001².

6. Resultados e discussão

A partir de agora, serão examinados os percentuais de ocorrência da forma padrão dos meios de comunicação, a vibrante múltipla anterior, e das variantes que com

² GoldVarb 2001 "é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística" (GUY & ZILLES, 2007: 105).

ela concorrem, em contexto de coda silábica final. A partir de 139 canções, foram selecionados, no cômputo total, 1.710 dados, sendo 1294 dados realizados por homens e 416 por mulheres.

A seguir, os exemplos 1-5 ilustram cada uma dessas variantes encontradas nas gravações de música. A realização da vibrante múltipla anterior, considerada a variante de prestígio no meio musical, se dá por pequenas vibrações resultantes das oclusões ocasionadas por repetidos toques da ponta da língua em direção à região alveolar. O trecho abaixo traz como exemplo dois vocábulos no final dos quais houve a pronúncia do *R* vibrante múltiplo anterior.

- (1) Nos vagalhões de etéreos mares hei de **se[r] navegado[r]**. (“Constelações”, modinha gravada por Roberto Roldan, 1907).

O tepe ou vibrante ápico-alveolar simples ocorre quando a ponta da língua toca uma única vez na região alveolar, ocasionando uma breve obstrução da passagem da corrente de ar na cavidade oral. No exemplo (2), ocorreu esse tipo de realização do rótico.

- (2) Rara é aquela que não sabe a roupa toda **agiliza[P]**. (“A lavadeira”, cançoneta gravada por Pepa Delgado, 1910).

Nos dados, as ocorrências mais posteriores do *R* foram apenas com o modo de articulação fricativo. Dessa forma, não houve a realização da vibrante uvular, aquela mais posterior. Em outras palavras, se a pronúncia do rótico for vibrante, será anterior, e, sendo posterior, será fricativa. Nos trechos (3) e (4), a seguir, apresentam-se exemplos com a realização da fricativa velar, produzida a partir de uma fricção na zona do véu palatino, e a fricativa glotal, produzida por uma fricção na zona da laringe.

- (3) E se candongas no **calcanha[x]**, as mucorongas a saltitar. (“Baianinha”, samba gravado por Araci Cortes, 1928).
- (4) Eu ouço **fala[h]** que para o nosso bem Jesus já designou que Seu Julinho é quem vem. (“Eu ouço falar”, samba gravado por Francisco Alves, 1929).

E, por último, há o zero fonético, ausência de qualquer realização do segmento. Nesse caso, ocorre uma simplificação fonológica, ou seja, uma sílaba travada por uma consoante (CVC) passa a ter uma estrutura mais simples (CV) que, segundo Jakobson (1972, p. 133), “é o único padrão silábico verdadeiramente universal”. O trecho abaixo ilustra a supressão do segmento final no vocábulo em destaque.

- (5) São João gosta de gente pra seu dia **festeja[0]**. (“Aruê, aruá”, cateretê gravado por Patrício Teixeira, 1926).

Através da tabela abaixo, é possível verificar a distribuição do rótico nas gravações de intérpretes homens e mulheres, sem levar em conta a década.

	v. múltipla anterior		tepe		fricativa velar		fricativa glotal		zero fonético		total	
	ocor	perc	ocor	perc	ocor	perc	ocor	perc	ocor	perc	ocor	perc
homem	262	20%	886	68,5%	1	-	7	0,5%	138	11%	1294	100%
mulher	39	9,5%	313	75%	6	1,5%	0	-	58	14%	416	100%

Tabela 1: Distribuição do R em coda final em canções gravadas por homens e mulheres entre 1902 e 1940.

Na tabela acima, encontram-se as realizações do rótico encontradas no *corpus* com seus respectivos números de ocorrência e percentuais. Essas realizações são a vibrante múltipla anterior, que era a pronúncia recomendada no canto erudito, o tepe, que, de acordo com os congressistas, consistia “[n]a execução de um r levíssimo, aproximadamente nulo”, não era banida e seria melhor que “a omissão da consoante” em questão (ANAIS, 1938: 91), e o zero fonético, que ocorria “na pronúncia inculta e desleixada, tende a ser devorado pelo acento” (ANAIS, 1938: 90). Cabe ressaltar que a realização do rótico como fricativa foi verificada apenas na fala cantada dos intérpretes Francisco Alves e Aracy Cortes. Segundo Diniz (2007: 65), “Os recursos técnicos eram precários na época, pois os intérpretes usavam microfones antigos que necessitavam uma força maior sonora”. Esse baixo percentual das fricativas pode ser explicado pelo fato de o intérprete, que deveria ter a “voz grande”, ter preferência por uma pronúncia do rótico com maior sonoridade, ou seja, uma vibrante ao invés de uma fricativa. Além disso, com relação à fricativa glotal, os Anais Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada postularam que essa realização deveria “ser energeticamente evitada no canto erudito, por dar à emissão da vogal acentuada um rabo de ruídos, absolutamente desairoso, prejudicial à pureza da voz” (ANAIS, 1938: 90). Dessa forma, essa realização não era comum ainda na música desse período, fosse ela erudita ou popular.

Com relação aos percentuais dessas realizações, percebe-se que 1) a variante de prestígio dos meios de comunicação ocorreu num percentual relativamente baixo - 20% do total de dados na fala cantada masculina e 9,5% na feminina; 2) o tepe parece ser a norma de uso, havendo um percentual de 68,5% no canto dos homens e 75% no das mulheres; e 3) o zero fonético ocorreu em um percentual mais elevado do que o esperado - 11% nos dados dos homens e 14% no das mulheres, se levarmos em conta o contexto monitorado em que esses intérpretes gravavam. Vale comentar que a frequência da variante de prestígio e do tepe não diminuiu com o passar das

décadas, mesmo com a propagação de gêneros musicais mais populares. Além disso, a variantes mais inovadoras, como as fricativas, nomeadamente velar e glotal, não ocorreram em um percentual significativo, aquela ocorreu em apenas 1,5% na fala cantada feminina e esta em apenas 0,5% na masculina.

Como as fricativas não ocorreram em um percentual significativo, será verificado apenas o comportamento da vibrante múltipla anterior, a variante de prestígio dos meios de comunicação, do tepe, que parece ser a real norma de uso, e do zero fonético, a variante que era depreciada pelas normas de canto. Dessa forma, através do gráfico de linha, abaixo, é possível vislumbrar, em ordem cronológica, a tendência de distribuição da vibrante múltipla anterior, em coda silábica final, em curtos intervalos de tempo.

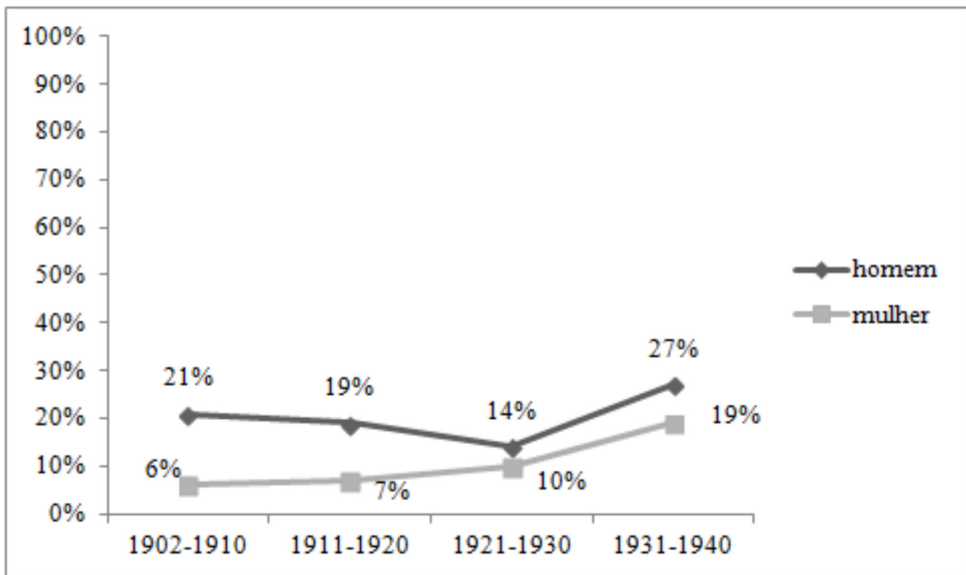


Gráfico 1: Distribuição da vibrante múltipla anterior em coda silábica final no decorrer das quatro décadas.

Os 301 dados de vibrante múltipla anterior, que correspondem a 29,5% de realizações do rótico, foram distribuídos em décadas, a fim de verificar tal realização no decorrer do tempo. Os dados foram realizados por intérpretes homens (262 dados) e mulheres (39 dados). Observa-se, no gráfico acima, que, em todas as décadas, os percentuais de ocorrência da variante investigada foram superiores na fala cantada masculina.

O tepe foi uma das pronúncias mais utilizadas pelo intérpretes pelo menos nesses dados coletados. De acordo com os congressistas, esta não era uma realização proibida no canto erudito, porém não era a recomendada. Em todas as décadas, houve um

percentual de ocorrência elevado dessa realização, principalmente, nas primeiras décadas da sequência temporal em análise, como mostra o gráfico linha abaixo.

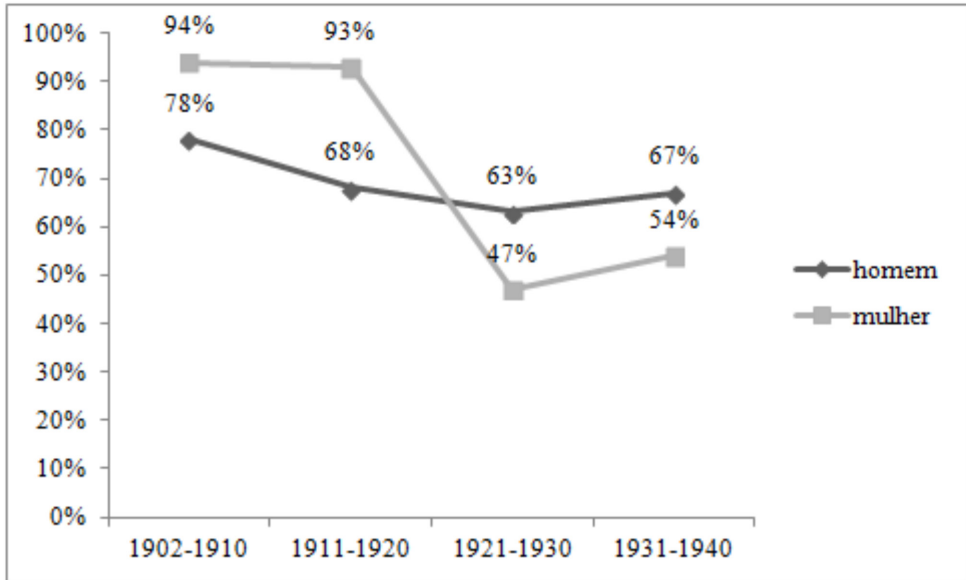


Gráfico 2: Distribuição do tepe em coda silábica final no decorrer das quatro décadas.

E, por fim, há o gráfico linha contendo a distribuição do zero fonético em cada década. Essa pronúncia, que era proibida no canto erudito da época, obteve um percentual relativamente baixo nas primeiras décadas, teve um aumento na terceira década e, em seguida, teve um decréscimo na última década em análise.

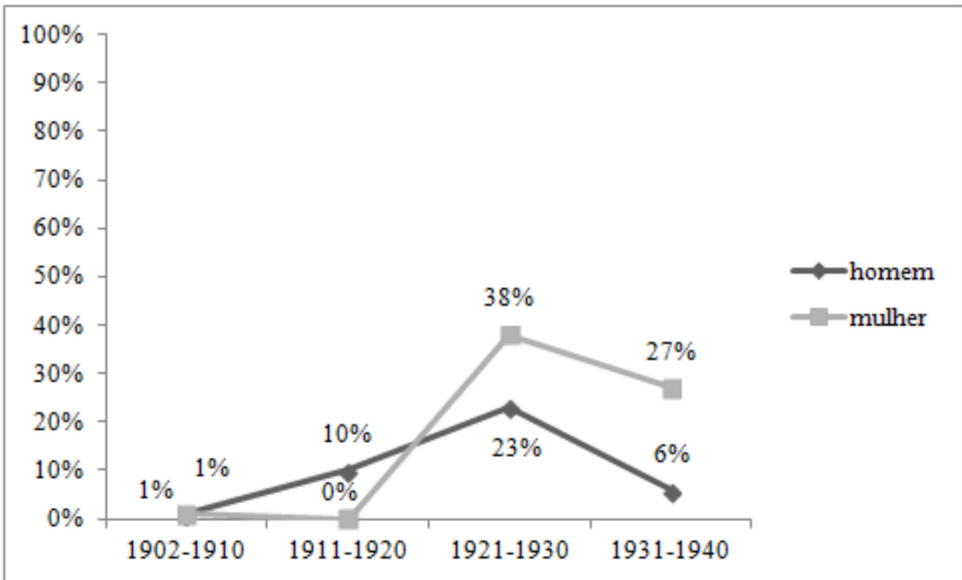


Gráfico 3: Distribuição do zero fonético em coda silábica final no decorrer das quatro décadas.

Comparando os resultados apresentados nos três gráficos acima, é possível observar que os homens apresentam um comportamento mais conservador que as mulheres. Esse resultado não confirma a hipótese b levantada na seção 3 de que, na voz masculina, há uma tendência ao uso das variantes estigmatizadas. Por outro lado, na voz feminina, há uma tendência às variantes inovadoras, mesmo que estas sejam estigmatizadas; assim, esse resultado refuta a hipótese b.

Cabe uma maior atenção ao período de 1921 a 1930, pois houve uma queda de percentual da variante de prestígio e, ao mesmo tempo, um aumento significativo da variante depreciada. Isso pode estar relacionado à introdução de novos gêneros musicais considerados manifestações populares, que ganharam popularidade a partir da década de 20, como o samba e a marchinha carnavalesca. Além disso, na década seguinte, houve razoavelmente um retorno do percentual da segunda década. Uma possível explicação para esse fato seria que esse mesmo período foi marcado pela maior preocupação em relação às normas de pronúncia, havendo até um congresso, em 1938, que propunha abolir a não realização do rótico e que reforçava o uso da vibrante como pronúncia padronizada.

Vale ressaltar que grande parte dos dados de cancelamento do rótico faz parte de canções com um estilo musical mais popular, como o samba, marchinha carnavalesca, lundu, maxixe, entre outros. Para um resultado mais refinado, seria necessário um cruzamento de dados entre gênero/sexo do intérprete e estilo musical da canção,

levando em consideração cada década separadamente. Desse modo, confrontar os dados que fazem parte do canto erudito dos que não fazem parte, levando em conta a variável gênero/sexo. Abaixo, há uma breve análise que separa os dados coletados devido ao estilo musical da canção.

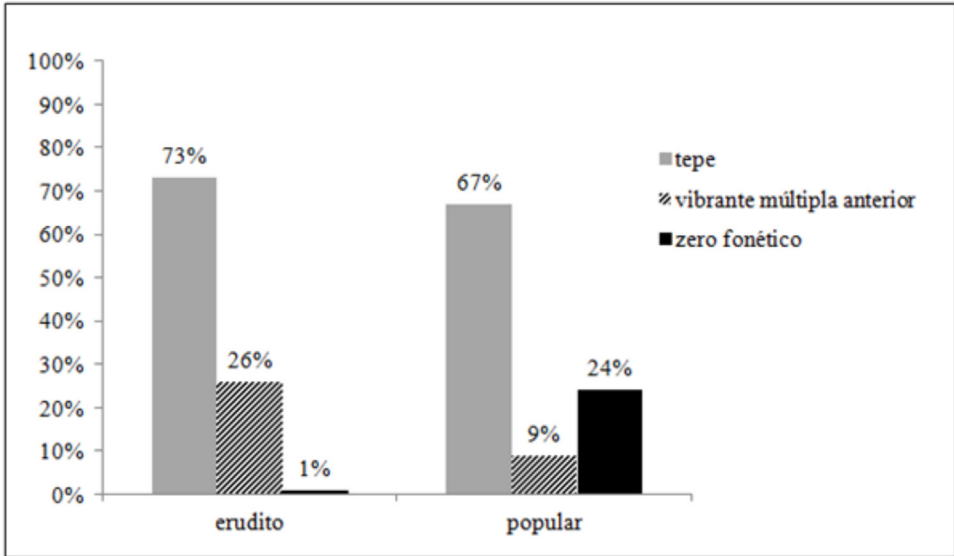


Gráfico 4: As realizações do rótico a depender do estilo musicais: o erudito (919 dados) e o popular (791 dados) em contraste.

As conclusões preliminares dizem respeito ao fato de que 1) a variante de prestígio, que deveria ser difundida nos meios de comunicação, ocorreu com maior frequência em canções de gêneros musicais mais eruditos – 26% contra um percentual de 9% nos gêneros mais populares; 2) o tepe, que parecia ser a norma de uso, ocorreu em um percentual elevado nos dois estilos analisados, ou seja, pode ser considerado a norma de uso não apenas em gêneros musicais eruditos, mas também em populares; e 3) o zero fonético teve maior percentual nos gêneros mais populares, 24% contra apenas 1% nos gêneros mais eruditos. O percentual das fricativas, nomeadamente, velar e glotal, não foi novamente apresentado no gráfico acima, porque não teve uma frequência significativa, valendo comentar que esse número de ocorrência ínfimo foi um pouco mais expressivo no estilo popular, porém não chegou a 1% do total de dados.

Os próximos passos serão refinar a análise do comportamento do rótico, já que é notável que o gênero/ sexo do intérprete precisa ser analisado com outras variáveis. Com isso, nesta pesquisa, foi analisada uma amostra de significativa diversidade da nossa música do início do século XX. Assim, as gravações musicais utilizadas aqui contribuíram não apenas para o patrimônio musical, mas também para o patrimônio

cultural do nosso país. Além disso, serão a base para intuímos os fatores linguísticos e extralinguísticos que atuaram no processo de variação do rótico, principalmente, no processo de cancelamento do segmento nessa época e nesse meio. A partir dos resultados obtidos, pode-se confirmar a hipótese aqui levantada de que a variável gênero/sexo desempenha um papel relevante no processo de variação/ mudança do rótico.

Dessa forma, na época aqui analisada, a música gozava de importância social e política, pelo seu caráter inovador de difusão e permanência. Como relatam os Anais do Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada, o Português cantado na música servia como modelo para a língua falada do povo. Todavia, nesta pesquisa, foi possível mapear não apenas a forma padronizada imposta pelo canto erudito, mas também os estilos e os períodos que permitiam maior diferenciação em relação a esse padrão. Se, no meio musical tão conservador, o cancelamento do rótico já ocorria mesmo em um percentual baixo no canto erudito, na fala espontânea que é menos monitorada, o cancelamento do rótico em coda silábica final já deveria ter um percentual ainda superior.

Esta pesquisa é uma tentativa de preencher uma lacuna temporal, já que os resultados de trabalhos sobre a variabilidade de pronúncias do *R* apontam, praticamente, para o final do processo de mudança sonora, pelo menos em alguns dialetos brasileiros. Dessa forma, ao recuar no tempo, conseguimos capturar o possível começo desse processo de mudança sonora na música erudita e na popular, com um percentual de cancelamento relativamente baixo e o surgimento das fricativas em determinados contextos.

7. Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo principal contribuir para a análise sociolinguística no que diz respeito ao comportamento do rótico, em contexto de coda silábica final, em quatro décadas da tradição musical brasileira do século XX. Com relação aos objetivos mais específicos deste artigo, acredita-se ter alcançado o que se pretendia. Além disso, a partir dos resultados apontados e discutidos na seção anterior, foi possível confirmar e refutar as hipóteses levantadas no início deste texto. Essas hipóteses serão apresentadas novamente para que seja feita uma síntese dos resultados.

Nos pressupostos sociolinguísticos, uma das categorias controladas para averiguar a variação e mudança é a de gênero/sexo. Há um postulado de que há a preferência das mulheres por variantes linguísticas com maior prestígio. Com isso, as mulheres tendem a liderar processos de mudança linguística que envolvem variantes prestigiadas, e assumem uma atitude conservadora quando as variantes são socialmente desprestigiadas. Em outras palavras, as mulheres lideram com o uso da variante inovadora, quando esta não é estigmatizada, à medida que os homens têm a tendência de usar a variante

inovadora, mesmo que seja estigmatizada. Vale comentar que essa afirmação não pode ser ponderada e, além disso, nenhuma variável social está totalmente desvinculada de outra.

Portanto, com relação ao resultados obtidos nesta pesquisa, foi confirmada a hipótese *a* de que o gênero/sexo desempenha um papel relevante na variação do rótico, apesar de ser necessária uma análise mais refinada que leve em consideração outras categorias. Não foi confirmada a hipótese *b* de que, na voz masculina, há tendência ao uso das variantes estigmatizadas, como também não foi confirmada a hipótese *c* de que, na voz feminina, não há uma tendência às variantes inovadoras, já que estas são estigmatizadas.

Por fim, espera-se que esta pesquisa tenha contribuído para o conhecimento da nossa língua, com um estudo de base variacionista sobre o comportamento do rótico, mais especificamente, na área da fonética e da fonologia, mesmo que não tenha sido utilizada uma amostra socialmente estratificada. Além do mais, foi um prazer realizar um estudo sociolinguístico aplicado à música brasileira e, assim, preencher uma lacuna temporal sobre o comportamento do variável do rótico.

Referências

- Abaurre, M. B. & SANDALO, F. Os róticos revisitados. In: Hora, D & Collischonn, G. (Org.). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: UFPB/ Editora Universitária, p. 144-180, 2003.
- Anais do Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada. São Paulo: Departamento de Cultura, 1938.
- Callou, D. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PROED, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.
- Dinah, C.; Leite, Y. & Moraes, J. Consonantal weakening Process(es) in Brazilian Portuguese. In: Paradis, C.; Vincent, D.; Deshaies, D.; Laforest, M. (ed.). *Papers in Sociolinguistics*. NWAVE-26 à l'Université Laval. Québec/Canadá, Nota Bene: 53-62, 1998.
- Callou, D.; Leite, Y. & Moraes, J. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. & RODRIGUES, A. (orgs.) *Gramática do português falado VIII: novos estudos descritivos*. Campinas, Unicamp/ Fapesp: p. 537-555, 2002.
- Callou, D. & Serra, C. *Variação do rótico e estrutura prosódica*. Revista do GELNE, vol. 14, no Especial, 41-58, 2012.

CARDOSO FILHO, m. e. *Vozes sem os seus corpos: o som da canção gravada por cantoras no começo do século XX no Brasil*. Anais do Congresso Anppom, 2007. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/etnomusicologia/etnom_MECFilho.pdf>. Acessado em 25/01/2015.

Diniz, A. *O Rio musical de Anacleto de Medeiros: a vida, a obra e o tempo de um mestre do choro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

GAUCHAT, L. 1905. *L'unité phonétique dans le patois d'une commune*. Halle

GUY, G. & ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa - instrumento de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

Hora, D. & Monaretto, V. O. Enfraquecimento e cancelamento dos róticos. In: HORA, D. & Collischonn, G. (Org.). *Teoria Linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, p. 114-143, 2003.

Labov, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Principles of linguistic change*. Internal factors. Cambridge, Blackwell, 1994.

MONARETTO, V. O. Descrição da vibrante no Português do Sul do Brasil. In: BISOL, L. & Collischonn, G. (Org.). *Português do Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 119-127, 2010.

Serra, C. & Callou, D. *A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades*. Textos Seleccionados do XXVIII Encontro Nacional da APL – Universidade do Faro (Algarve-Portugal), 2013.

SEVERIANO, J. & MELLO, Z. H. de. 1997. *A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras (vol.1: 1901-1957)*. São Paulo: Editora 34.

Xavier, K. S. *A(s) pronúncia(s) do R final em canções do início do século XX (1902-1920)*. VI Anais do Colóquio Brasileiro de Prosódia, v. 2, 2013.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, [1968], 2006.